

Reeleição de Cristovam em debate no PT

Governador não sabe se quer, o partido nem sabe se concorda. Em meio ao quebra-cabeça, Frente Popular ameaça esfacelar-se

Ricardo Mendes
Da equipe do Correio

O Congresso disse sim. Agora, o presidente e os governadores poderão concorrer a um segundo mandato em 1998. Mas, para o professor Cristovam Buarque, isso não basta. Sua candidatura à reeleição depende ainda de duas coisas. A primeira é ele topar a disputa. A segunda, é o Partido dos Trabalhadores concordar em ter o governador como candidato. E enquanto essas respostas não saem, a frente de partidos que se aliaram ao PT ameaça desintegrar-se.

Para quem indaga se ele será candidato à reeleição, Cristovam tem uma resposta ensaiada: diz que não quer. O governador argumenta que o cargo o desgastou muito e que tem outros planos para o futuro. Se o interlocutor insiste no tema, o professor saca uma retórica que deixa a porta entreaberta sem ferir suscetibilidades petistas. "Sou um militante do PT. Se o PT achar que devo ser candidato, faço o que o partido decidir", disse recentemente a um aliado.

Chegamos então à segunda pergunta — o PT quer a reeleição de Cristovam? A resposta começará a ser esboçada no mês que vem, durante o encontro regional do partido. O evento escolherá o novo presidente do PT-DF, cargo ocupado hoje pela deputada federal Maria Laura, que tenta reeleger-se pela tendência Esquerda Viva.

Do outro lado da disputa, está o grupo Articulação, do deputado federal Chico Vigilante e do distrital Geraldo Magela. Na semana que passou, a Articulação decidiu que lançará candidato próprio à presidência da legenda, mas não definiu quem. Os nomes mais prováveis são o de Vigilante e da presidente do Sindicato dos Bancários, Érika Kokai.

Controlando aproximadamente um terço dos votos que decidirão o encontro regional, a Articulação tenta convencer Laura a integrar uma chapa única. Dessa forma, o grupo de Vigilante poderia até abrir mão da presidência, desde que consiga maioria na Executiva e no Diretório Regional, instâncias que decidem o dia a dia do partido. Quem for maioria nesses fóruns terá mais voz na definição dos rumos eleitorais do PT-DF.

Tanto a Esquerda Viva quanto a Articulação reconhecem como trunfo poder lançar um candidato que inaugure obras, já que o Congresso não estabeleceu prazo de desincompatibilização para os governantes que se arriscarem a um segundo mandato.

"O companheiro Cristovam fica em posição privilegiada", admite Maria Laura, medindo as palavras. "Desde 1990, defendo o nome de Cristovam", ostenta Vigilante. "Só não queremos lançar a candidatura antes da hora porque isso pode inviabilizar o governo: tudo o que ele fizer será visto como peça de campanha", completa o deputado.

ALIADOS TEMEM SER SABOTADOS PELO PT

E o que é lançar a candidatura antes da hora? Para o PT, é fazê-lo antes do encontro extraordinário marcado para novembro. Tanta espera está tirando o sono dos demais partidos que apóiam o governo (PPS-PSB-PC do B-PDT-PCB-PMN), que temem ser sabotados.

Cresce nessas legendas a suspeita de que podem ficar de fora de uma chapa que teria Cristovam à frente. Em outras palavras: desconfiam que o PT pode querer concorrer sozinho para não ter de dividir com os aliados cadeiras no Congresso e na Câmara Legislativa.

A desconfiança aumenta com a possibilidade de a Articulação volta a dominar o PT-DF. Em 1994, a tendência tinha o presidente — Geraldo Magela — e conduziu o debate interno para ampliar ao máximo o espaço do partido na Frente Brasília Popular. Assim, lançou 23 candidatos à Câmara Legislativa, abrindo um máximo de três vagas para cada aliado.

Magela manteve a posição até o fim, e várias vezes o fantasma do rompimento assombrou a sede do PC do B, na 704 Sul, onde os presidentes dos partidos discutiam a aliança. De dezembro para cá, a desconfiança em relação ao PT só fez aumentar. A situação complicou-se com a eleição de Lúcia Carvalho (PT) na presidência da Câmara Legislativa.

Ao invés de optarem pelo apoio a uma candidatura que fosse de um deputado aliado — não petista —, os distritais do PT uniram-se ao PMDB de Luiz Estevão para eleger Lúcia. "Mostraram que preferem se juntar ao inimigo a ajudar um aliado a crescer", define um dirigente partidário da frente.

NEGOCIAÇÃO COM CARTAS MARCADAS

Em discussão com os aliados dos demais partidos, os líderes petistas já marcaram territórios. Fazem questão de lançar candidatos a governador e vice. Restaria negociar uma vaga no Senado e às demais candidaturas parlamentares. E quem ficaria com a maior parte do bolo? Chico Vigilante dá a senha: "Cada partido tem de ser respeitado de acordo com a força política que tem na cidade e no país", propõe o deputado da legenda, que tem seis dos 24 distritais da Câmara.

Maria Laura sai em defesa da aliança, que representa mais militantes na rua durante a campanha eleitoral.

"Defendo a continuidade da frente e o fortalecimento do nosso campo, comprometendo os demais partidos com a execução do programa de governo", declara a presidente. Mas, apesar do empenho seu e do chamado grupo palaciano — que inclui a vice-governadora Arlete Sampaio e o secretário de governo Swedenberger Barbosa —, as relações entre o PT e as demais legendas continuam deteriorando-se. Os atritos repetem-se no dia a dia do governo.

Na terça-feira passada, o secretário de Turismo, Rodrigo Rollemberg (PSB), foi à Câmara Legislativa para debater com os distritais petistas o projeto de subordinar à sua pasta o Departamento de Educação Física, Esportes e Recreação (Defer). A autarquia é ligada à Secretaria de Cultura, entregue a aliados de Magela. Ao chegar à reunião, marcada para a hora do almoço, Rollemberg não encontrou ninguém. O encontro havia sido cancelado. Unilateralmente.

E o PPS DEU INÍCIO À CORRIDA

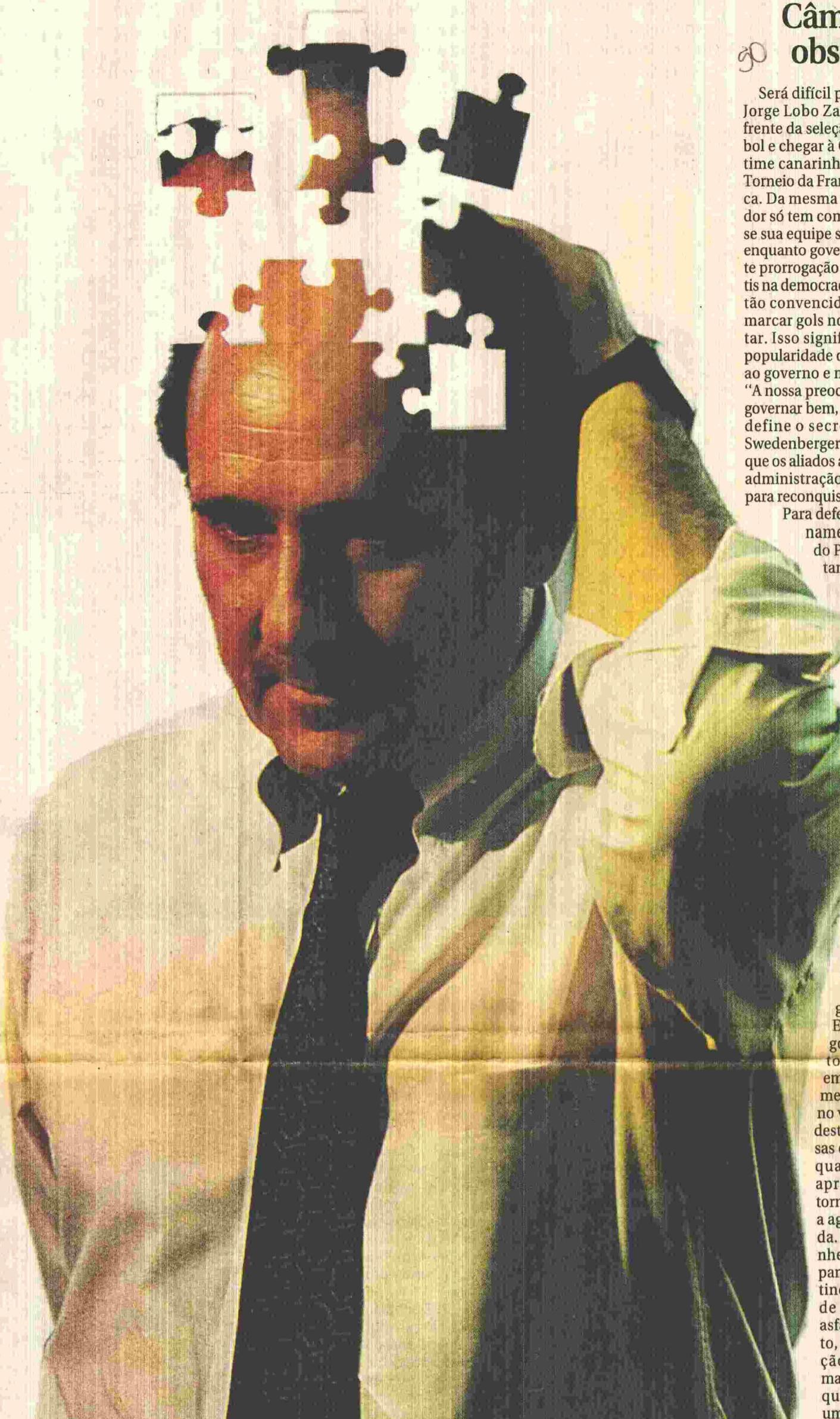
O temor dos aliados tornou-se público na semana passada, com o lançamento da candidatura do deputado Augusto Carvalho (PPS) ao governo. Ele mesmo admite que seu partido mantém-se aberto a composições, mesmo com o PT. O que o PPS quer é deixar de ficar à espera dos petistas. "Vamos nos guiar por nossa própria agenda", antecipa o parlamentar.

Outros políticos manifestam idéias semelhantes. "Não dá para ficar refém de ninguém", comenta o deputado federal Agnelo Queiroz, do PC do B — partido que perdeu para o PT seu único distrital, Miquéias Paz.

Ao mesmo tempo, os distritais do PDT, Zé Ramalho e João de Deus, alimentam a idéia de fazerem seu partido sair sozinho na disputa de cadeiras para a Câmara Legislativa. O objetivo seria assegurar seus próximos mandatos sem pulverizar os votos na frente.

Para aumentar o quadro de incertezas, os partidos não sabem que regras a nova legislação eleitoral vai impor às alianças. Essa definição só sairá no segundo semestre, provavelmente em setembro. Entre outras coisas, o Congresso poderá eliminar o segundo turno nas eleições para governador. "Se acabar o segundo turno, diminuirá o número de candidaturas ao governo. Se ele for mantido e surgirem limites às coligações para eleger parlamentares, candidaturas como a de Augusto vão se multiplicar como forma de sobrevivência dos partidos, que precisam de candidatos majoritários para puxar votos", analisa um líder do PSB.

Por enquanto, as pretensões do PPS não ameaçam o apoio a Cristovam. "Tocaremos nosso projeto eleitoral sem ruptura com o governo", explica Augusto Carvalho. Isso significa que pessoas como o administrador do Guará, Alírio Neto (PPS), continuarão em seus cargos, aumentando o cacife para se tornarem deputados. Os petistas, porém, estão atentos a isso. Desde 1995, o diretório zonal do PT, presidido por Luís Carlos "Lula" Torres de Alencar, tenta derrubar Alírio. No mês passado, Lula foi reeleito e seus partidários mantiveram o repúdio ao administrador.



"SÓ NÃO QUEREMOS LANÇAR A CANDIDATURA ANTES DA HORA PORQUE ISSO PODE INVIALIZAR O GOVERNO: TUDO O QUE ELE FIZER SERÁ VISTO COMO PEÇA DE CAMPANHA"

Deputado Chico Vigilante (PT)

"NÃO DÁ PARA FICAR REFÉM DE NINGUÉM"

Deputado Agnelo Queiroz, do PC do B

Câmara é o obstáculo

Será difícil para o técnico Mário Jorge Lobo Zagallo permanecer à frente da seleção brasileira de futebol e chegar à Copa do Mundo se o time canarinho passar vexame no Torneio da França e na Copa América. Da mesma forma, um governador só tem como disputar reeleição se sua equipe se mostrar vencedora enquanto governar. Como não existe prorrogação ou disputa de pênaltis na democracia, os governistas estão convencidos de que precisam marcar gols no tempo regulamentar. Isso significa transformar em popularidade os índices de rejeição ao governo e manter o time coeso. "A nossa preocupação é governar, e governar bem, com a frente unida", define o secretário de Governo, Swedenberger Barbosa, esperando que os aliados alardeiem os feitos da administração Cristovam Buarque para reconquistar o eleitorado.

Para defender as ações governamentais, os ocupantes do Palácio do Buriti contam com duas forças — os partidos e os parlamentares. Enquanto os primeiros vivem sob tensão, os deputados distritais tiram o sono do governador.

"O maior obstáculo para o governo é a Câmara Legislativa, onde a nossa bancada ainda não comprehende a importância do seu papel e a oposição age de forma predatória", ataca o deputado federal Chico Vigilante (PT).

Na disputa entre governo e Câmara, o Executivo está levando goleada. Um dos atritos do momento está em um pedido de suplementação orçamentária no valor de R\$ 3 milhões, destinado a cobrir despesas com publicidade. Enquanto o projeto não é aprovado, o governo se torna inadimplente junto a agências de propaganda. Por fim, está sem dinheiro para novas campanhas. "Estamos investindo no recuperação de 180 quilômetros de asfalto só no Plano Piloto, mas, sem comunicação, a população nota mais os engarrafamentos que as obras", observa um aliado de Cristovam.